

Classe alta é a mais atingida pela crise, aponta FGV

(NÃO ASSINADO)

Brasília - A classe AB perdeu espaço em termos de ascensão social desde o agravamento da crise financeira, caindo 0,65% no período compreendido até dezembro. A constatação é da Fundação Getulio Vargas, que divulgou estudo sobre a mobilidade social no país com a crise. No mesmo período dos dois anos anteriores – 2007 e 2006 – a classe AB subiu 3% na pirâmide. O autor da pesquisa, Marcelo Néri, explicou que, se antes, de cada 100 pessoas que estavam na classe AB 20 caíam a cada ano, hoje, essa relação chega a 25. “É aí que os sinais da crise são mais visíveis”, constatou.

Dessas 25 pessoas, quatro caíram diretamente para a classe E. Néri explica que é provável que sejam pessoas que perderam o emprego ou faliram por conta da crise. “As pessoas com renda mais alta estão vinculadas aos canais de impacto da crise, como o setor exportador, financeiro e imobiliário”. O levantamento da FGV aponta, no entanto, que a crise não afetou tanto a classe C, onde o movimento de ascensão não foi interrompido.

O estudo mostra que, em dezembro de 2008, a classe média (classe C) passou a representar 53,8% da população. No mesmo período de 2007, esse percentual era de 51,8%. Enquanto 6,79% da classe D migrou para classes mais altas, na classe E esse percentual chegou a 8%. Néri alertou que, embora as políticas públicas sejam necessárias, elas não são suficientes no longo prazo. “Se a gente gastar muitos recursos de maneira errada, no futuro, quando a crise passar, estaremos com o freio de mão puxado”. ABr